

ELEIÇÕES 2014 / CANDIDATOS NO GLOBO

SABATINA



Sabatina no MAR. A candidata Marina Silva conversa com os jornalistas do GLOBO Flavia Oliveira, Jorge Luiz Rodrigues, Ilimar Franco, Ricardo Noblat, Merval Pereira, Sílvia Fonseca, Arnaldo Bloch, Míriam Leitão, Artur Xexéo e Ancelmo Gois

Na defensiva, Marina tenta desconstruir a própria desconstrução

Com frases de efeito, candidata do PSB insiste na ideia de uma nova política, alternando entre o papel de vítima e o de atiradora

A candidata do PSB à Presidência da República, Marina Silva, chegou desconfiada ao Museu de Arte do Rio (MAR) para enfrentar os colunistas do GLOBO. Ela desembarcou da van que a levou do hotel, em Copacabana, apenas dez minutos antes do início da sabatina. Alunos de uma escola pública que entravam no museu a reconheceram e ensaiaram aplausos, mas Marina não percebeu. Concentrada, seguiu até o elevador cercada por cinegrafistas e fotógrafos. Ao chegar à sala reservada aos candidatos, ao lado do auditório, foi direto à janela. Conferiu rapidamente a vista da Praça Mauá em obras e percorreu com o olhar toda a sala, como quem reconhece o terreno. Estava ali claramente na defensiva.

Marina teve a companhia do vice em sua chapa, deputado Beto Albuquerque (PSB-RS), e do coordenador do programa de governo, Maurício Rands. À frente do séquito, fiéis escudeiros da Rede, como o deputado Alfredo Sirkis (PSB-RJ), o ex-deputado Walter Feldman (coordenador da campanha) e João Paulo Capobianco (ex-secretário do Ministério do Meio Ambiente), que ela chama de Capô. Com o semblante sério, a candidata contou em poucas palavras que acha importante perseguir oportunidades de expor suas ideias para o país em eventos como aquele, mas que fica frustrada quando não consegue demonstrá-las.

— É que nem sempre elas são, digamos, demandadas — explicou, pedindo para que, a exemplo do repórter do GLOBO, um assessor gravasse a entrevista. — Nos dias de hoje, temos que gravar até suspiro. Marina dispensou o microfone de la-

pela, disse preferir o de mão. Com maquiagem suave e os cabelos presos no mesmo coque de sempre, arrematado por um adorno artesanal de palha, a candidata começou a se descontrair ainda nos bastidores, quando revelou que o colar que usava fora feito por ela mesma. Parte de um passatempo que, aconselhou, é bom para acalmar. Usa o mesmo com frequência, porque julga o mais visível com peças de alfaiataria, como o terninho bege que usava ontem.

Já no centro do auditório, Marina procurou os óculos de leitura entre os assessores e pôs sobre a

mesa ao lado da poltrona um grosso fichário branco e uma brochura de seu programa de governo. Não chegou a abri-los. Pediu para trocar o copo por uma xícara de água morna. Na primeira meia hora, tinha no colo uma caderneta aberta. Ensaçou anotações, mas logo desistiu. Manteve a perna esquerda cruza-

da sobre a direita, tocando o chão algumas vezes só com a ponta do salto alto. Quase todo o tempo brincou de girar o anel folgado num dos dedos magros da mão esquerda, sobre a aliança.

Iniciado o jogo, Marina cruzou progressivamente o campo de defesa. Disse ser vítima de “mentiras e boatos” atribuídos por ela aos adversários. E logo partiu para o ataque, mas sem abrir a guarda, numa tentativa de desconstruir a própria desconstrução. Elevava a voz aguda quando queria ser mais enfática e iniciava muitas frases com a pergunta: “Quem disse?”. Ainda que sem muita precisão, tentou mudar interpretações de suas propostas, insistindo que é portadora de

uma nova atitude política. Tudo com a habilidade de prolongar respostas sem ser interrompida, sequestrando o curso da conversa.

FINAL DESCONTRAÍDO

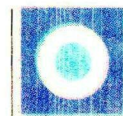
Marina se desarmou aos poucos. No primeiro momento de descontração, soltou uma quase gargalhada, mas fechou o sorriso ao ouvir o matracar das câmeras fotográficas, como se arrependida. Mais à frente, divertiu a plateia advertindo que não fora ela, mas Ancelmo Gois, quem primeiro usou a expressão “satanizar”, introduzindo ela mesma a polêmica sobre sua fé evangélica. Apela para o emocional da família de Eduardo Campos para tangenciar a contabilidade do avião que o vitimou. Recorrentemente, olhava para cima em busca de inspiração para lançar em seguida expressões de efeito como “cosmovisão do Ocidente” ou uma suposta diferença entre “opção” e “escolha”. Tudo reproduzido nas redes sociais por uma assessora na plateia de celular em punho.

Após a sessão, era uma Marina diferente daquela do início. Parecia revigorada. Distribuiu sorrisos e beijos entre os colunistas.

— Para mim, é tranquilo. Eles podem me reduzir a pó, mas eu sei o que sou. Sei o que estou fazendo — comentou com Ricardo Noblat, sobre os ataques dos adversários, citando o líder sul-africano Nelson Mandela, morto em 2013. — Fizeram o que fizeram com Mandela e (hoje) Mandela é Mandela.

Na saída, mostrou-se sem frustrações:

— Acho que as perguntas conseguiram navegar de A a Z. A base de tudo para que as mudanças aconteçam é a renovação da política, e isso foi possível explorar. ●



NA WEB
<http://glo.bo/X2UJdl>
Assista à íntegra da sabatina de Marina Silva